

^{dado} para "Igreja-em-diálogo" não publicada

I- A violência, ~~foto~~ real e questões abertas



O cristão é artífice de paz. Por que razão tomar como tema dumna semana de Intelectuais Católicos "a violência"? — Tal terá sido a pergunta que ~~recebeu~~ se pôs muita gente. O desenrolar da semana trouxe a resposta, forte e convincente, a essa pergunta. Estes três artigos procuraram seguir, com alguns comentários pessoais, ~~do autor~~, a evolução do tema tal como decorreu ao longo da semana e ~~conden~~ ~~foi assim a resposta que pelo menos quanto à oportunidade de ~~se~~ dar a resposta tal como ela foi apreendida.~~

O cristão interessa-se pela violência porque ela é um dado do novo tempo e nada do q ^{compõe} ~~é~~ o mundo pode ser alheio ao ~~homem~~ cristianismo. No entanto — e foi este um dos aspectos originais desta semana — o cristão não vai encarar esse dado con ueto já com um critério moral estabelecido a priori. Vai procurar encontrar as mani festações da violência, tentar descobri-las

as causas, olhá-la à luz do Evangelho e estas talvez tenha uma resposta, talvez tenha ~~uma gama variada de res.~~ um critério susceptível de gerar uma gama variada de respostas, adequadas às várias situações q̄ a vida lhe propõe.

A primeira observação do fenómeno da violência conduz à conclusão de q̄ ela é uma componente do mundo de hoje, um problema geral a manifestar-se em todas as formas de associação humana, desde a família à vida política. Sob formas muito diversas — e até aparentemente contraditórias — ~~a violência~~ verifica-se a ^{unicidade} unicidade do fenómeno, q̄ sua essência interna. Assim a violência pode surgir sob a forma de ataque ^{bruto} ou de coerção envolvente, ~~pod~~ revelar-se cega nos seus actos ou manifestar-se cientificamente elaborada, aparecer intermitentemente ou constituir uma "instituição" estabelecida e oficialmente reconhecida.

Em vez de se procurar uma definição³
intelectual de violência, vale a pena analisá-
-la fenomenologicamente.) ~~A análise assim
feita ajudará mais eficazmente a.~~

Quer dizer, em vez de contornos precisos a
localizar a violência, importa olhar, ver,
~~perceber~~ o sentido de muitos actos que
em cada dia se realizam. Tal ~~modo~~^{modo} de
análise conduz-nos a uma sistematização
de algumas manifestações da violência.

A mais gritante manifestação de vio-
lência - a ^{Fundação Cuidar o Futuro} ~~mais~~ das primeiras páginas
dos jornais e as notícias de rádio ou TV -
é a guerra. Quando se diz guerra quer
significar-se toda e qualquer forma de
ataque ou defesa, por meio de armas, de
um povo contra outro. Raro é, porém, o
aqueles que fazem a guerra a apelidarem
dessa forma. Na sua nota humorística
diária, o jornal "Le Monde", de 3 de Feve-
reiro, dizia, a propósito de França:

"A França está em paz com todos os
povos. É um dos estribillos do regime. E

é verdade.

"Já não há guerra, não repararam
mais exactamente, se há guerra é a guerra
feita por outros ~~países~~ países.

"Nós, os franceses, nós tivemos as operações
de Indochina, as insurreições de Tunísia e
de Marrocos, a questão argelina. Batemo-nos
compre mas nunca tivemos guerra. A guerra
é os outros que a fazem...."


Qua, disse-se várias vezes nesta semana -
~~a primeira arma contra a vida~~ a primeira e
mais imediata forma de fazer recuar a
violência é chamar as coisas pelo seu nome.
Só a consciência lúcida - a que vê e
designa as realidades tais como elas são -
pode tomar decisões lúcidas também.
De outra forma, ela é ~~objecto~~ vítima do
logos da sua própria inteligência. Quando
falamos em "consciência", tomamo-la
~~indis~~ tanto no plano individual como no
plano colectivo. Assim, os povos capazes
de darem o nome de guerra, com tudo o
que esse nome significa, às lutas em 7



Fundação Cuidar o Futuro

estão envolvidos, poderão inteligentemente e tomar as decisões que lhes cabem. ~~Por mais~~

Por mais legítima que seja a razão que leve um país à luta armada, seria criminoso não reconhecer que no novo tempo "as negociações ^{deveriam} substituir ~~as~~ as emendas", como afirmou nesta semana o Arcebispo de Paris, que ~~hoje em dia~~ o diálogo pode ser caminho para entendimento, precisão embora, mas que a guerra só gera mais guerra porque contém nela o germen do ódio. Não são simples de resolver os casos de guerra; aliada ^à ~~que~~ ^{neles} ~~há~~ ^{estão} estivessem implicados numerosos factores de ordem política, haveria sempre uma carga emocional a colorir cada caso concreto. Uma vez a casa em fogo, é difícil saber como eliminá-lo. Mas é possível impedir ^{que} ~~que~~ haja fogo na casa - é possível diagnosticar as causas ~~possíveis~~ prováveis de conflito, é possível fazer uma profilaxia das situações políticas. Acima de tudo, é indispensável que os povos ^{em} ~~em~~ cada povo - apinem a sua cons-

ciência de tal forma que, como um todo, 6
preferam o diálogo à guerra, preferam ~~os~~ o
máximo deles mesmos ao bem comum
em todo e qualquer momento de paz. 
~~Não apenas trataram em vez de aplastar
os bases dos tempos de guerra.~~

A guerra, como manifestação da violên-
cia, é demasiado óbvia, para nela nos de-
termos mais nesta breve análise. Ela é,
além disso, por assim dizer, anacrônica.
Pertence a uma época já passada, ~~mas~~
~~mesmo~~ mesmo é os seus armas sejam
comandadas por calculadoras e tenham
o alcance e a potência da era atômico-
espacial. É certo que mesmo os países
técnicamente mais desenvolvidos não pa-
recem ter progredido em nada na sua
atitude perante a guerra. Mas a guerra
não é um ~~o~~ facto isolado. Anacrônica
embora, ela é hoje possível — e talvez
se renovada ferozidade — pelo jogo de
outras manifestações da violência que
lhe preparam o campo e parecem justi-
ficar a sua existência.

Uma forma nova de violência é a
força com que actuam os meios de comunicação
de massa social. São múltiplos, variados e de
fisionomias bem diferentes os aspectos que
torna entã a violência.

Ela é evidente na submissão dos
meios de comunicação social a uma ideo-
logia social, política, económica ou mes-
mo religiosa. A sociedade moderna é
uma sociedade pluralista em que se
encontram, cruzam, fundem, muitas
e diversas opiniões e convicções. Nenhuma
delas tem objectivamente o direito de se
impor a outras (excepto, talvez, em mo-
mentos de emergência ou de crise catás-
trofe local ou nacional em que mais vale
uma só opinião, ainda que ~~seja~~ ^{seja} deficiente,
mas conduzido a uma decisão ~~urgente~~ ^{imediat}
do que muitas outras que deixaram por
resolver a questão ~~imediat~~ ^{urgente}. Nesta socie-
dade pluralista, desabrocham os talentos
e ~~as~~ afirmam-se as personalidades
na medida em que há uma larga circu-



largo de ideias e opiniões.

~~Esta~~ A submissão dos meios de comunicação social a outros domínios é particularmente evidente na proliferação de toda a propaganda económica que tende a realizar o condicionamento mental e afectivo das multidões, "obrigando-as" a orientar as suas aspirações para certos tipos de bens de consumo, segundo as exigências da grande máquina industrial. A forma como a publicidade invade o domínio da liberdade interior do homem de hoje tem qualquer coisa de alucinante. O homem não procura mais o seu bem, a sua felicidade (menos ainda a felicidade dos outros) mas procura as coisas. O livro "des choses", de Georges Leiris que obteve em 1965 o Prémio Goncourt mostra-lho o grau de alienação a que pode chegar o homem dominado pela obsessão das coisas — os dois protagonistas atravessam todo o livro sem que lhes apercebamos sequer a fisionomia, meras sombras das seres humanos que deviam ter sido.

Fundação Cuidar o Futuro

Tantas outras formas de violência
neste domínio dos meios de comunicação
social... Quando o Olympia, aqui em
Paris, ou qualquer outra grande teatro do
mundo se enche de um público frenético
puante um ídolo que durará 6 meses ou
1 ano, qual é a liberdade desse público?
Quando cada um de nós, ~~preso~~ se sujeita
fiel e gostosamente à leitura quotidiana
do mesmo jornal, onde está a honra li-
berdade individual, se esse jornal não
é uma tribuna de opiniões diversas?

Sabemos todos que a informação dissemi-
nada sem critério gera a confusão e a de-
magogia. ~~A solução não está, no entanto,~~
Sabemos todos que a sociedade de bens
de consumo em que nos movimentamos
não pode prescindir da publicidade e que
ela é um incentivo a mais consumo e a
maior produção. Sabemos todos que as
grandes multitudes precisam de pontos
de "concentração afectiva" em que des-
carguem o desejo do super-homem
que fazem no sub-consciente. Mas



70
~~onde está a solução?~~ Não se trata de
negar essas realidades, mas de ajudar o
homem de hoje a fazer-lhes face, sem
ser violentado por elas. Trata-se assim
de aumentar a capacidade de julgar
de decidir e de escolher; trata-se de
alargar a margem de autonomia indi-
vidual perante a violência do colectivo;
trata-se de elevar o nível da cultura,
não no sentido de um estetismo sem
finalidade mas entendido como uma
maior abertura da inteligência aos valores.

Fundação Cuidar o Futuro
Uma terceira manifestação da violência
é a que se refere também — a \bar{q} — que se exerce
através da ordem económica e social. Pense-se
~~aqui~~ sobretudo na ~~estado~~ condição de depen-
dência que define muitas vezes as relações
deste domínio. Não é apenas uma violên-
cia localizada. É ~~a violência~~ ^{por exemplo} o "neo-im-
perialismo" dos investimentos industriais
das grandes potências nos países em
desenvolvimento, enfocando iniciativas
locais, matando, na origem, formas,

menos epígrafes mas mais femininas de 11
produção e professor. É o confronto, ~~o~~
ao plano internacional, das economias
de pobreza e de afluência, não apenas na
arena das negociações políticas, mas
na vida quotidiana dos estudantes estrangeiros,
dos trabalhadores imigrantes,
~~dos turistas~~ que os novos párias da
sociedade ocidental, obrigados a aceitar
o que lhes é oferecido. É o confronto, ao
plano nacional, da miséria e da abun-
dância, quando, ^{de um lado,} o servilismo, a submissão
falsa, e, ^{Fundação Cuidar o Futuro} do outro lado, a total dependência
do dinheiro e da posição social - confronto
que gera, dos dois lados, uma insegurança
fundamental que impede tanto a inicia-
tiva do pobre em procurar trabalho
como impede a iniciativa do rico de
investir capital no bem comum.

Uma mudança radical de óptica toma
corpo em novos dias - não se trata
de ~~deixar cada um o seu trabalho~~
~~de deixar cada um o suficiente para~~
~~competir~~ e permitir - ^{the assign} ~~o seu trabalho~~ viver

uma vida decente; trata-se de dar a todos um "salário garantido" que, a par da segurança no trabalho, estimula o trabalho eficiente os seus dons e capacidades, aumenta a produtividade, torna o homem livre da pressão económica.



Indicámos algumas manifestações de violência, como dado concreto, tangível, ao meio de nós. Mas o problema não fica resolvido. Como foi dito na semana dos Intelectuais Católicos, a violência põe-nos em três questões:

1. Uma questão de irracionalidade - é difícil explicá-la, ao mesmo tempo é o seu carácter de movimento de massa impede de negá-la. Deverá ser considerada como dado irreductível? Qual é a sua origem? Está na natureza do homem?

Uma questão à consciência moral:
- alguns consideram-na uma condição da história e de toda a transformação; outros condenam-na totalmente; há um terceiro caminho?

Uma questão à consciência religiosa 13
— como integrar na fé cristã a violência
q as ciências humanas nos mostram
como permanente e envolvendo todos
os campos da vida ~~humana~~ social?

Tal é a questão aberta à nossa
reflexão.



Fundação Cuidar o Futuro